

O LUGAR PARA OS SABERES DO POVO

Em vários países da nossa região se vive um ativo processo de reivindicação das nações aborígenes, ou o que delas resta, de seus costumes e tradições, usos e saberes. A inspiração para isto provém, por uma parte, de ideias conservacionistas, tanto do humano como da natureza e os produtos naturais que são fonte potencial de bem-estar e, por outra, da ideologia política populista, por certo grandemente abusada entre nós.

Nestes dias tem sido desenvolvida uma intensa polêmica gerada pela elaboração, ainda sem aprovação e promulgação, de um projeto de nova lei para o Instituto Venezuelano de Investigações Científicas, conhecido por suas siglas como IVIC, ao qual esta vinculada *Interciência* desde seus dias iniciais. A lei em questão, obviamente motivada pela intenção do grupo governante de controlar de maneira absoluta todos os cenários e atividades que na Venezuela se desenvolvem, quer ser justificada principalmente por duas razões. Uma, o suposto elitismo presente na instituição e suas atividades; e a outra é a iminente necessidade, de acordo com quem tem concebido dito projeto, de incorporar aos saberes populares, seus criadores e seus cultores, no processo de investigação.

Os argumentos vão e vem, e irão e virão, tratando de justificar ou refutar o apelativo de elitista. O certo é que em todas as atividades de carácter acadêmico existe um conjunto de intelectuais, chame-se elite ou como quiser chamar, que impulsionam o progresso em qualquer campo do conhecimento ou suas aplicações.

Em qualquer caso, a maneira de combater o elitismo nas ciências e na investigação científica e tecnológica não é destruindo instituições que funcionam, mas sim educando mais e melhor a população para que mais e mais membros de qualquer comunidade tenham acesso efetivo à educação superior e à formação avançada. Criando mais e melhores instituições, bem dotadas de recursos, onde mais e mais investigadores possam desenvolver sua missão criativa.

Avaliando a qualidade e méritos do produto e, estimulando e apoiando a quem sejam capazes de alcançar os objetivos buscados. Em outras palavras, brindando a oportunidade de participar efetivamente na criação, difusão e aproveitamento do conhecimento.

Quem é capaz de articular palavras pode expressar uma opinião sobre uma ópera e, se tem boa voz e canta, quem sabe seja capaz de cantarolar ou cantar um trecho, e até o ária inteiro *La donna e mobile*. Mas isso de jeito nenhum formará parte do elenco operístico de uma função de Rigoletto. Existem numerosos campos da atividade humana onde é possível encarar de maneira bem sucedida os processos, sem uma escolaridade particular, mas também há outros onde ela é requerida. Tal é o caso da investigação científica. Os governos e a sociedade toda devem velar por que seus países tenham a possibilidade de avançar nestes últimos.

A participação popular na música não acontece no palco. A participação popular na política não acontece nas Assembleias ou Congressos Nacionais. A participação popular na ciência não acontece como investigadores. A participação da sociedade inteira deve ser algo real e palpável que ocorra em todas as instâncias e em todos os campos, mas sempre em seu lugar apropriado e no nível e no âmbito que corresponda.

Fazer com que a informação e disseminação dos resultados das investigações sejam efetivas requer da existência de meios de informação e de difusão adequados, de uma boa imprensa especializada e de revistas científicas de qualidade. Mas, sobretudo, requer estruturar e implementar um bom sistema educativo, massivo, eficaz e de boa qualidade, que permita com que a cidadania alcance a possibilidade de saber ler e compreender.

MIGUEL LAUFER
Diretor